

Aqui em Minas, a gente é criada para ser uma esposa exemplar desde criança, sabe? A tradicional família mineira. Pois é, eu pensava assim. Eu sempre achei que eu tinha que fazer tudo pela minha família. Eu sonhava com uma família grande, cafezão da manhã com todo mundo, almoços de domingo, eu queria um bom marido para mim. Nossa, me ouvindo falar agora, eu me acho tão ingênua! Como eu fui boba, sô. Ah, isso aqui? Não, nem dá para esconder. As pessoas podem não saber o que é, mas eu sei o que é. Como foi cada cicatriz. Quer dizer, tem umas aqui que eu nem lembro, mas talvez seja melhor. E tem umas que ficam aqui debaixo da roupa. Ó, mas tem outras que não dá. Essa aqui da perna, não dá. Eu coloco uma saia e todo mundo vê. Aí, o que eu vou fazer? Eu tenho vergonha, mas eu enfrento. Foram 14 anos, poxa. Quatorze. Não dá para explicar. Você acha que vai, sei lá, morrer se sair de casa. E tem isso mesmo. Você tem medo que o cara te mate. E tem um medo menos racional mesmo, de não se sustentar, de não sobreviver. De ser rejeitada pelos outros, de não se refazer. De ser rejeitada pelos filhos, como eu fui. E como eu sou até hoje. Ele me empurrava, me socava. Me queimou algumas vezes com cigarro. Xingar, gritar, tudo isso aí. Eu vivia longe da minha família. Eu não podia visitar nem um pouquinho, porque ele não deixava. Mas eu procurei ajuda e tem um grupo de mulheres, de apoio na minha cidade, que elas fizeram uma coisa que elas fazem com as mulheres nessa situação de não conseguir sair. Elas começaram a se revezar para me visitar toda semana. Às vezes, mais de uma vez. E elas iam só pro meu marido saber que eu não estava sozinha. Que eu tinha com quem contar, que existia uma rede. Uma coisa simples assim, já faz o cara tremer na base. E o mais importante é que faz a mulher não se sentir julgada, porque ela não tem força para sair. O dia de sair, eu acho que é sempre horrível. E foi o dia que eu mais apanhei. De todos. Eu lembro como se fosse hoje. Eu lembro que eu falei com ele assim, eu vou embora, eu não quero mais. Menina, ele virou o bicho. Ele veio com tudo. Essa cicatriz aqui, ó, que é bem visível. Foi nesse dia. Aqui ó, bem aqui. É onde o osso saiu para fora. É pesado. Eu só sei que eu saí e deixei os meus filhos para trás. Se eu não deixasse os meus filhos, eu não ia conseguir sair. Ou eu saía naquele dia, ou eu morria. Então eu saí. Eu perdi a guarda dos meus filhos. Eu estou na batalha até agora para recuperar a convivência com eles. Eles cresceram já. A minha filha nem sequer olha na minha cara. Eu fico imaginando o que ela ouviu esses anos, que mentira atrás de mentira ele contou para me culpar. Como que ele justifica? Essas marcas? Isso aqui? Como é que ele justifica? Hoje eu sou casada com um homem bom. E não adianta me dizer que é só no corpo que eu carrego essas marcas. É na alma também. Tentar amar alguém, confiar. Mas eu estou assistida. Eu tô segura, amparada. Eu tenho respeito do meu companheiro. E isso, para mim, é amor.

SOLANGE

Sobrevivientes